

Articular as abordagens quantitativa e qualitativa

Pascale Dietrich
Marie Loison
Manuella Roupnel

Os métodos qualitativos são frequentemente opostos aos métodos quantitativos: raros são os sociólogos que aliam realmente estas duas abordagens, levando-os inclusive a criar suas próprias pesquisas. Mais raros ainda são os que, no mesmo estudo, concebem a realização de uma pesquisa qualitativa e quantitativa imaginando sua articulação como um meio suplementar de responder às questões que eles se colocam. Efetivamente existe a tendência de conceber os dois métodos de forma distinta e de não recorrer a diferentes modos de coletar dados. Ora, uma metodologia dessas mostra-se rica para a obtenção e a análise dos resultados, bem como para a postura científica do pesquisador. A fim de mostrar a mais-valia metodológica que ela fornece, a aliança entre métodos quantitativos e qualitativos será apresentada aqui através da localização de pesquisas “sob medida”, isto é, de pesquisas realizadas em populações e objetos de pesquisa bem precisos. Este capítulo intenta, pois, expor as especificidades desta postura, entrar nos detalhes de sua execução e, finalmente, debruçar-se sobre seus aportes científicos.

As especificidades das abordagens

Por que articular os dois métodos?

Toda pesquisa sociológica começa pela construção de um objeto, a partir de um tema específico. Uma vez definido este objeto, o sociólogo escolhe o ou os métodos de pesquisa aptos a responder à sua problemática: estudo de arquivos ou de documentos administrativos, realização de entrevistas e/ou de observações, ou ainda análise de dados estatísticos. O trabalho de observação etnográfica

aporta ao pesquisador um bom conhecimento do ambiente em que vive e trabalha a população que ele estuda, as entrevistas dão acesso à experiência vivida dos indivíduos, enquanto que os dados estatísticos fornecem uma medida cifrada dos fatos sociais. Muito frequentemente, o objeto de estudo e o tipo de questionamento comandam o recurso a uma ou várias abordagens metodológicas, mas uma dentre elas é privilegiada em relação às outras. No caso de uma pesquisa por questionário, o trabalho etnográfico prévio tem geralmente uma função exploratória na elaboração do questionário; no quadro de uma pesquisa qualitativa, os dados estatísticos constituem a maior parte do tempo dados de enquadramento que contribuem pouco para a análise. Em todas estas situações, os métodos são justapostos e uma abordagem é subordinada à outra.

Existem poucas pesquisas que aliam verdadeiramente os dois métodos, qualitativo e quantitativo, atribuindo-lhes um estatuto igual em sua participação na análise. Esta participação, no entanto, permite pousar um duplo olhar sobre um mesmo objeto. Nestes casos, um trabalho etnográfico consequente é associado à exploração estatística de bases de dados oriundos da elaboração do questionário junto a amostras importantes de objetos ou populações-alvo. Alguns questionamentos encontram então respostas graças à abordagem compreensiva das entrevistas ou das observações etnográficas, ao passo que outros necessitam da abordagem quantitativa e estatística. Além disso, os resultados obtidos com o auxílio de um método podem ser validados, invalidados ou relativizados pela outra abordagem. Utilizados de maneira complementar, os dois métodos, qualitativo e quantitativo, se nutrem mutuamente, aportando assim uma mais-valia científica ao trabalho de pesquisa, cada um respondendo então a um questionamento preciso, sem que nenhum deles seja subordinado ao uso ou aos resultados do outro. Segundo Anthony J. Onwuegbuzie e Nancy L. Leech¹⁶⁴, um dos argumentos antecipados pelos partidários da aliança dos dois métodos consiste em dizer que eles permitem um uso mais compreensivo da pesquisa, ausente nos trabalhos unicamente quantitativo ou qualitativo. Para Greene et al.¹⁶⁵, este modo de trabalhar pode ter cinco funções: a “triangulação” (buscar fazer convergir ou corroborar resultados provenientes de diferentes métodos estudando o mesmo fenômeno); a “complementaridade” (buscar elaborar, ilustrar, valorizar ou clarificar os resultados de um dos métodos com os resultados do outro); o “desenvolvimento” (utilizar os resultados de um dos métodos para auxiliar na interpretação dos resultados de outro método); a “iniciação” (descobrir paradoxos e contradições que levam a reconsiderar a questão de pesquisa)

164. ONWUEGBUZIE, A.J. & LEECH, N.L. “Enhancing the interpretation of ‘significant’ findings: The role of mixed methods research”. *The Qualitative Report*, vol. 9, n. 4, 2004, p. 770-792.

165. GRENNE, J.C.; CARACELLI, V.J. & GRAHAM, W.F. “Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs”. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, vol. 11, 1989, p. 255-274.

e a “expansão” (tentar entender a amplitude e o alcance da pesquisa utilizando elementos da pesquisa para confrontá-los com outro método). Todas estas questões estão mais ou menos presentes nas pesquisas que aliam os dois métodos: o quantitativo e o qualitativo. Anthony e Nancy sublinham igualmente que a vinculação entre técnicas qualitativas e quantitativas dão ao pesquisador certa liberdade quanto à distância que ele decide adotar em relação ao seu objeto de estudo. Munido de uma espécie de luneta, o pesquisador tanto pode olhar a paisagem em seu conjunto quanto, ao contrário, fazer um *zoom*, focando alguns detalhes deste panorama. Todas estas especificidades tornam pertinente e heurísticamente fecunda a aliança dos métodos. Trata-se agora de explicar o porquê e a razão da implementação desta abordagem particular.

Por que criar a própria pesquisa?

A outra especificidade desta abordagem do pesquisador consiste em criar sua própria pesquisa. Quando o pesquisador não dispõe de uma base de dados adequada, urge-lhe criar uma pesquisa “sob medida”. É notadamente o caso quando ele deseja estudar populações específicas ou quando ele necessita de variáveis precisas para suas análises. Esta postura é inevitável, notadamente quando ele se interessa por populações tendo características sociais pouco difundidas (os homossexuais)¹⁶⁶, ou não possuindo existência administrativa (os ilegais ou as pessoas sem domicílio), ou ainda vivendo em zonas geográficas restritas (os habitantes do bairro do Mirail em Toulouse). Os dados dos grandes institutos de estatísticas estão efetivamente disponíveis em níveis regional e nacional. Obviamente, é possível extrair-se amostras fundadas em um critério geográfico mais específico, mas estas amostras frequentemente se revelam pouco representativas, em razão de seus efetivos insuficientes. Por outro lado, estes dados frequentemente são excessivamente gerais para o estudo de uma população precisa (uma profissão atípica, p. ex.) e, além disso, eles se baseiam em critérios administrativos, tais como a residência, o que complica, por exemplo, o estudo de populações sem domicílio. Conduzir sua própria pesquisa permite então remediar estas dificuldades e obter assim amostras adequadas a questões mais específicas. Se nos interessamos pelos desempregados, por exemplo, é possível extrair uma amostra de indivíduos da *Pesquisa sobre o emprego*, mas para estudar os assalariados despedidos de uma empresa particular¹⁶⁷, ou os requerentes de emprego de uma região bem precisa¹⁶⁸, a criação de uma amostra relativa a esta

166. FIRDION, J.-M. & VEDIER, É. *Homosexualités et suicide – Études, témoignages et analyse*. Lontblanc: H&O, 2003.

167. ROUPNEL-FUENTES, M. *Une rupture totale – Le liencement massif des salariés de Moulinex*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2007 [Tese de doutorado].

168. LAZARSFELD, P.; JAHODA, M. & ZEISEL, H. *Les chômeurs de Marienthal*. Paris: De Minuit, 1981.

população é uma etapa incontornável, dado que nenhuma pesquisa estatística lhe foi efetivamente consagrada.

Este tipo de pesquisa “sob medida” situa-se num nível intermediário entre aquele dos organismos, como o Insee, que trabalham junto a uma larga população em áreas geográficas relativamente importantes, e aquele das pesquisas etnográficas, cujas amostras são bastante localizadas, mas que não permitem nenhuma análise estatística de peso: dispor de uma amostra cujo efetivo é relativamente importante é efetivamente indispensável para realizar processamentos estatísticos complexos, para além das triagens completas ou das triagens cruzadas, com maior potencial demonstrativo (regressões logísticas ou lineares, p. ex.).

Mesmo quando dados sobre a população visada são disponibilizados, o pesquisador pode sentir a necessidade de dispor de uma pesquisa mais adaptada à sua problemática de estudo. De fato, as variáveis das pesquisas existentes, e utilizadas ao longo de uma análise secundária, nem sempre “se adaptam” ao objeto de estudo: às vezes as questões essenciais são omitidas, ou as diferentes modalidades das variáveis nem sempre se ajustam totalmente ao objeto de estudo. Deste modo a análise do pesquisador vê-se cerceada. A realização de uma pesquisa, ao contrário, lhe oferece o conforto de livremente construir seu objeto de estudo e suas hipóteses, sem sentir-se coagido pelos dados de uma pesquisa preexistente. A pesquisa sobre a moradia do Insee, por exemplo, estudando as populações vulneráveis, não autoriza estudar a relação destas populações com as instituições, já que desprovida de informações sobre patologias específicas, como o saturnismo infantil, ou o engajamento dos precariamente alojados em associações militantes¹⁶⁹. Os dados “talhados sob medida” sem dúvida não podem ser reutilizados por outros estudos: ao inverso de uma pesquisa do Insee onde inúmeros pesquisadores de temas de pesquisa heteróclitos podem “garimpar” dados, estas pesquisas estão ao serviço de uma tese original e, portanto, *a priori*, desprovidos de importância para outros trabalhos.

O início da abordagem

A especificidade de uma abordagem articulando os dois métodos, qualitativo e quantitativo, consiste em fazer dialogar as duas perspectivas ao longo de toda a pesquisa numa temporalidade bastante precisa. Cada método responde a um questionamento particular em função do momento em que ele é mobilizado no processo de pesquisa. A cada etapa, os resultados obtidos e as observações metodológicas realizadas se completam, no sentido de fornecer esclarecimentos específicos à análise.

169. DIETRICH-RAGON, P. “Tension autour des procédures liées à l’insalubrité – L’exemple du saturnisme infantile”. In: LAFLAMME, V.; LEVY-VROELANT, C.; ROBERTSON, D. & SMYTH, J. (org.). *Le logement précaire en Europe, aux marges du palais*. Paris: L’Harmattan, 2007, p. 347-360 [“Habitat et Sociétés”].

A temporalidade da pesquisa

A escolha da cronologia da pesquisa decorre dos aportes recíprocos dos dois métodos. A abordagem qualitativa é onipresente, e é inicialmente utilizada em uma visão exploratória, em vista da construção do questionário e da escolha da forma de sua aplicação. As falas recolhidas por ocasião da pré-pesquisa permitem primeiramente “captar” o vocabulário e as expressões das pessoas interrogadas, possibilitando em seguida aproximar-se mais de seu universo linguístico. Desta forma, estas conversas permitem detectar incompreensões no emprego de determinados termos equívocos, como, por exemplo, a expressão “condições de trabalho”. Esta efetivamente pode reenviar tanto à ambiência do local quanto às relações com os colegas ou às condições “físicas” do trabalho. A fim de evitar ambiguidades, várias precisões podem ser assim aportadas às modalidades do questionário: “possibilidades de sentar-se”, “luminosidade insuficiente”, “limpeza no local de trabalho” etc. Graças ao conhecimento “qualitativo” que o pesquisador adquire através deste procedimento, aos poucos o questionário vai sendo adaptado às pessoas pesquisadas e ao fenômeno estudado.

Em igual medida, o conhecimento adquirido *in loco*, as observações feitas e as entrevistas realizadas junto à população estudada permitem ao pesquisador escolher o modo de elaboração do questionário mais adequado ao seu objeto de pesquisa e às características das pessoas pesquisadas. Neste particular, seria complicado tentar realizar uma pesquisa telefônica domiciliar com assalariados (senão em algumas horas do dia, ou da noite), ao passo que este modo de coleta de dados poderia ser perfeitamente apropriado se a população estudada concernisse às mulheres em licença maternidade. Da mesma forma, enviar ao pesquisado um questionário autoadministrado seria impertinente para um estudo sobre as trajetórias de imigração, já que as eventuais dificuldades de conhecimento do idioma poderiam juntar-se às dificuldades da expressão escrita, por exemplo, em relação aos sentimentos e ressentimentos do pesquisado.

A abordagem qualitativa é mobilizada ao longo de toda a reflexão e análise. O material qualitativo permite “pousar um olhar” sobre o campo no qual se desenrola o cenário da pesquisa. Para compreender a vida de um bairro, por exemplo, urge um relativo conhecimento de seu entorno, observar precisamente suas ruas, seus espaços verdes, seus comércios etc., e em diferentes momentos da jornada, fotografando-os ou coletando documentos administrativos (relatórios de reuniões, jornais municipais etc.). É igualmente instrutiva a participação em reuniões dos conselhos de bairros, e marcar presença em sua vida associativa. Subsequentemente, observações etnográficas podem ser completadas por entrevistas com seus habitantes, ou com alguns deles, previamente selecionados. Numa segunda fase, o trabalho de campo consiste em disponibilizar o questionário a toda a população estudada. Assim, posteriormente à aplicação do questionário, observações e entrevistas podem novamente ser reavaliadas, simultanea-

mente para obter informações complementares, ou para vislumbrar eventuais evoluções, mas também para confirmar resultados oriundos da análise estatística. É o que confirmam algumas pesquisas posteriores. Assim, na obra *Le salarîé de la précarité* (O salariado da precariedade)¹⁷⁰, Serge Paugam utilizou os dados de uma pesquisa qualitativa realizada em 1995 junto a uma amostra de 1.036 salariables divididos em cinco regiões de emprego, pesquisa que ele mesmo enriqueceu em 1998 com entrevistas junto a uma amostra de 83 salariables oriundos das mesmas empresas. A pesquisa qualitativa permitiu-lhe aprofundar os temas ligados às experiências vividas dos salariables e articular estes resultados com os da pesquisa por questionário. Urge, portanto, guardar em mente que existe uma temporalidade particular no processo de pesquisa, e que os dois métodos não são utilizados da mesma maneira. Mais ainda: os resultados obtidos graças a eles não possuem o mesmo estatuto.

O duplo estatuto dos materiais

O material qualitativo tem um duplo estatuto. Já o dissemos, ele é primeiramente mobilizado ao longo da fase exploratória da pesquisa, com o objetivo de elaborar o questionário. As entrevistas semidiretivas são um revelador de determinadas problemáticas e servem para testar as questões suscetíveis de criar problemas por ocasião de sua aplicação. Quando nos interessamos por práticas dificilmente confessáveis (práticas sexuais, toxicomania, extremismo político etc.), é particularmente pertinente utilizar a abordagem qualitativa a fim de encontrar a melhor formulação possível para dirigir-se aos pesquisados. Por exemplo: antes de perguntar diretamente aos indivíduos se eles votaram na Frente Nacional (partido de extrema-direita na França) nas últimas eleições por meio de uma questão fechada, típica de um questionário, é sem dúvida mais pertinente utilizar a abordagem qualitativa para deixar o pesquisado exprimir suas opiniões, permitindo-lhe justificar suas posições. Esta etapa permite construir chaves de compreensão do voto de extrema-direita e reformular a questão de forma pertinente: no questionário, poderíamos, por exemplo, perguntar aos indivíduos o que eles pensam deste voto (“totalmente de acordo”, “antes de acordo”, “antes em desacordo”, “totalmente em desacordo”), o que lhes daria a oportunidade de se pronunciar indiretamente sem falar de seu próprio comportamento.

Por outro lado, a abordagem qualitativa torna possível considerar atitudes com as quais nunca teríamos sonhado sem um bom conhecimento do campo de pesquisa e da população. As respostas a determinadas questões parecem evidentes para o pesquisador, e ele nem sempre imagina que elas possam criar problemas por ocasião da aplicação do questionário em populações específicas.

170. PAUGAM, S. *Le salarîé de la précarité* – Les nouvelles formes de l'intégration professionnelle. Paris: PUF, 2000.

É exatamente o caso para uma questão como essa: “Você está otimista com o futuro?” Para o pesquisador, as três respostas “sim”, “não” e “não sei” exprimem o conjunto dos diferentes posicionamentos possíveis. Ora, o trabalho qualitativo de campo permite descobrir outra atitude: em determinadas culturas, não é possível pronunciar-se sobre seu próprio destino, e é então necessário acrescentar as modalidades “Se Deus quiser” ou “isso não depende de mim”.

Mas o trabalho etnográfico realizado ao longo desta primeira fase não é unicamente mobilizado por um objetivo exploratório. Ele é também integrado ao processo de pesquisa enquanto tal, e é objeto de uma análise etnográfica precisa. Deste modo, as entrevistas, por exemplo, são analisadas como instrumentos compreensivos da experiência vivida pelas populações estudadas¹⁷¹. Em suma, o trabalho qualitativo de campo é ao mesmo tempo útil para construir o questionário, mas igualmente para interpretar os dados oriundos destes últimos. Vale lembrar, para concluir, que duas entrevistas realizadas em momentos diferentes da pesquisa têm usos distintos. Feita no início da pesquisa, a entrevista possui um estatuto ao mesmo tempo exploratório e compreensivo. Mas, efetuada no final do processo de pesquisa, ela se torna verificativa sem deixar de ser compreensiva, e permite avançar na análise e fazer emergir novos questionamentos.

Reciprocamente, alguns elementos do questionário possuem um duplo emprego. É o caso das questões abertas que permitem obter informações úteis para reintegrar modalidades “esquecidas” no questionário e que dão chances às pessoas interrogadas exprimir-se e dar sua opinião sobre a questão posta. Em um questionário destinado aos marginalizados de centros de hospedagem de urgência, à questão: “Desde que você chegou aqui, você constatou outras evoluções do tipo de população que frequenta este centro?”, os pesquisadores coletaram, por exemplo, estas falas: “Antes eram mais mendigos, simpáticos, agora são pessoas que tiveram uma vida antes desta vida. Vemos que eles há pouco se tornaram pobres, que problemas recentes os colocaram na rua.” “Nenhuma mulher desde os inícios. Mais pessoas do Leste. Acolhida diferente da associação, já que a fila é menos densa, presença de guardas. Personalidade dos usuários que muda: não necessariamente a imagem do mendigo, enquanto pessoa des-sociedade há muito tempo. Ali podem existir pessoas que trabalham mesmo frequentando o centro”¹⁷².

Estas respostas podem eventualmente ser recodificadas para se tornarem objeto de uma análise textual, mas é igualmente interessante cruzá-las com as entrevistas efetuadas antes e após a aplicação do questionário. Elas vêm efetivamente confirmar uma das hipóteses emitidas por ocasião da fase etnográfica da

pesquisa, a saber: que os marginalizados distinguem os velhos mendigos ociosos de antanho e os jovens SDF (sem domicílio fixo) de hoje que trabalham. Por outro lado, os dados estatísticos oriundos das questões fechadas podem, elas também, ser utilizadas de duas maneiras diferentes. Elas servem em primeiro lugar de dados de enquadramento: podemos assim comparar as rendas da população homossexual strasburguense aos do conjunto da população francesa para posicionar este grupo específico no espaço social. Em segundo lugar, os dados possuem uma função analítica: eles permitem estudar as diferenças de rendas no seio desta população homossexual, que depende das diferenças de consumo, de modo de vida etc. A comparação com dados nacionais permite dar outra amplitude e outro alcance mais geral à pesquisa (o que Greene et al. denominam “expansão”). Os dois métodos, qualitativo e quantitativo, dialogam, pois, entre si, e convidam o pesquisador a estar particularmente atento ao peso que ele acorda a cada um. Em articulando-os, ele também se torna sensível às especificidades metodológicas, aos seus aportes diferenciados, bem como à sua própria prática de campo.

Os resultados

O interesse deste método “de dupla cabeça” é evidentemente o de aportar uma “dupla prova”, isto é, o de confirmar com um método os resultados oriundos do outro (“triangulação”)¹⁷³. Mas toda utilidade da aliança reside também no fato que cada um dos métodos aclara os resultados obtidos com o outro (“complementaridade” e “desenvolvimento”)¹⁷⁴ e permite, pois, torná-la mais evidente. Por outro lado, esta metodologia favorece também um posicionamento científico mais “justo” em relação ao objeto de estudo, notadamente porque a confrontação dos resultados oriundos dos dois métodos pode levar o pesquisador a reconsiderar suas hipóteses e sua questão de partida (“iniciação”)¹⁷⁵.

A análise qualitativa aclara a análise quantitativa

Para a análise dos dados quantitativos coletados, os conhecimentos qualitativos são de grande valia: são eles que fornecem as chaves de análises de determinados resultados que permaneceriam obscuros sem um bom conhecimento do campo e da experiência vivida das pessoas pesquisadas. “De fato as análises ditas ‘qualitativas’ ou, pior, ‘literárias’ são capitais para compreender, isto é, explicar completamente aquilo que as estatísticas apenas constata, semelhantes

171. SCHNAPPER, D. *La compréhension sociologique – Démarche de l'analyse typologique*. Paris: PUF, 1999.

172. LOISON, M. *Enquête auprès des personnes vivant à proximité des centres d'accueil et d'hébergement d'urgence en Ile-de-France*, 2007 [Pesquisa não publicada].

173. GREENE, J.C.; CARACELLI, V.J. & GRAHAM, W.F. “Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs”. Op. cit.

174. Ibid.

175. Ibid.

às estatísticas de pluviometria”¹⁷⁶. Por exemplo: sem este conhecimento do campo o sociólogo estatístico estudando os comportamentos dos marginalizados dos centros de hospedagem de urgência corre o risco de ter uma visão truncada da realidade social. A observação etnográfica dos bairros e as entrevistas junto aos marginalizados permitem apreender melhor a complexidade desta coabitação particular e entender que não é tão fácil viver nas imediações de tais estruturas: as populações acolhidas nestes centros são às vezes barulhentas, alcoolizadas ou agressivas, urinam nas ruas e ali “estacionam” tanto de dia quanto de noite. Este conhecimento do campo de pesquisa evita, pois, cair numa condenação unilateral da intolerância dos habitantes. Da mesma forma, a utilização única de estatísticas incita a apreender os ocupantes destes alojamentos insalubres como dominados e destituídos de qualquer margem de manobra. Ora, a abordagem qualitativa complexifica esta constatação, as entrevistas colocando em evidência que os mal-alojados não são desprovidos de estratégias¹⁷⁷: alguns consideram, por exemplo, o alojamento insalubre como um meio para aceder ao alojamento social, já que as instituições concedem um novo alojamento prioritariamente aos habitantes dos imóveis mais degradados. Eles podem então usar deste argumento em suas relações com as instituições, isto é, inflectir suas opções residenciais em função das oportunidades. Os resultados do trabalho qualitativo aportam assim novos esclarecimentos que permitem interpretar e completar os dados estatísticos.

As entrevistas ajudam igualmente a compreender os resultados estatísticos que podem parecer contraintuitivos. No seio de um grupo de assalariados licenciados, uma análise a partir de um modelo de regressão logística mostra que “em igualdade de circunstâncias”, as pessoas desempregadas são menos propensas que as empregadas a abandonar sua região para encontrar trabalho, ou para buscar uma formação que melhor as qualifique. Este resultado aparentemente curioso, no entanto, pode ser facilmente interpretado graças às entrevistas. A mudança de residência representa para as pessoas desempregadas um duplo risco: o de um possível novo fracasso profissional e o de um desenraizamento que implica uma ruptura das relações sociais e familiares. Ao longo de uma entrevista, uma antiga operária desempregada confidencia: “Prefiro ficar por aqui [...], pois minha mãe, às vezes, necessita de mim, para se locomover; é que ela não tem carro. Eu fico por aqui, já estou acostumada aqui”¹⁷⁸.

176. BOURDIEU, P. *Questions de sociologie*. Paris: De Minuit, 1984, p. 29.

177. DIETRICH-RAGON, P. “Tensions autour des procédures liées à l’insalubrité – L’exemple du saturnisme infantile”. Op. cit.

178. ROUPNEL-FUENTES, M. *Une rupture totale – Le licenciement massif des salariés de Moulinex*. Op. cit.

Box

Pesquisa O salário da precariedade

Em sua obra *Le salarîé de la précarité*, Serge Paugam beneficia-se da aliança dos métodos. Analisando as diferentes formas de integração profissional, cruzando a dimensão da relação com o trabalho com a do emprego, ele evidencia quatro modelos: a *integração garantida* aliando satisfação no trabalho e emprego garantido, a *integração incerta* caracterizada pela satisfação no trabalho e emprego ameaçado, a *integração laboriosa* marcada pelo descontentamento no trabalho e a proteção do emprego, e a *integração eliminatória* reunindo insatisfação no trabalho e instabilidade profissional. A partir de vários indicadores de saúde, o autor mostra que a parte dos assalariados apresentando problemas do ponto de vista de seu estado de saúde física e psicológica é mais elevada entre os assalariados próximos aos modelos da *integração laboriosa* e da *integração eliminatória* do que junto aos assalariados aproximando-se da *integração garantida* ou da *integração incerta*. Junto aos primeiros, a proporção dos assalariados que sofrem de insônia é respectivamente de 25 e 28% contra 16 e 18% para os segundos. Os problemas de saúde não devem, pois, ser unicamente associados às inquietações relativas ao emprego. A importância da depressão psicológica, manifestada na pesquisa por questionário, pelos assalariados próximos ao modelo da *integração laboriosa*, favoreceu o esclarecimento aportado pelas entrevistas feitas junto aos assalariados de uma agência de seguridade social. Graças à pesquisa qualitativa foi possível compreender o descrédito infligido à identidade destes trabalhadores e a forte desorganização profissional assolando seu trabalho. O extrato abaixo faz parte de uma entrevista feita com uma mulher de 50 anos, empregada no escritório do organismo acima citado: “É preciso reconhecer que aqui existem muitos problemas, e igualmente compreender que as pessoas nos procuram porque fazemos mil coisas a elas destinadas, a começar pela correspondência e todo o resto imaginável, mas nem tudo pode ser feito com a velocidade geralmente exigida. É isso, aqui é correria, esta forma de trabalhar muito, muito, muito, muito, muito rapidamente, sem que alguém se pergunte pelos obstáculos existentes, pelos tantos bloqueios que nos impedem alcançar as metas e os objetivos de nosso trabalho.”

PAUGAM, S. *Le salarîé de la précarité – Les nouvelles formes de l’intégration professionnelle*. Paris: PUF, 2000, p. 216

A análise quantitativa aclara a análise qualitativa

O trabalho qualitativo não recobre a análise aprofundada de determinados objetivos da pesquisa. Ele geralmente leva o pesquisador a dar uma importância particular às disfunções sociais, ao passo que a abordagem quantitativa, ao contrário, relativiza algumas de suas componentes atípicas. Na maioria dos casos envolvendo conflitos sociais (fenômeno Nimby¹⁷⁹, por exemplo), muitas são as pessoas que “demandam a palavra”¹⁸⁰, ou seja, que reivindicam o direito de poder falar: geralmente são estas as mais ouvidas e as mais visíveis. Conse-

179. *Not in my Backyard*.

180. HIRSCHMAN, A.O. *Défection et prise de parole*. Paris: Fayard, 1995.

quentemente, quando o pesquisador desloca-se para um campo do pesquisar, tanto para entrevistar quanto para reunir dados observáveis, em geral ele tende a majorar o comportamento destas pessoas que exprimem suas opiniões. Contrariamente, fundada numa amostra representativa da população implicada ao conflito, a pesquisa quantitativa permite discernir a heterogeneidade dos comportamentos e sua importância relativa.

Alguns elementos, além disso, não podem ser provados sem uma abordagem quantitativa, que não somente fornece uma medida estatística, mas ajuda a descobrir fenômenos ocultos à visão qualitativa. Esta calibragem por dados cifrados coloca em evidência, por exemplo, os processos sociais, as relações ou as recorrências que as entrevistas qualitativas não podem desvendar. Isso é particularmente verdade para o estudo dos determinismos sociais. Entrevistas deixam certamente pressentir que os filhos de executivos têm mais chances que os filhos de operários de se tornarem executivos, mas somente uma abordagem estatística fundada em tabelas de mobilidade permite afirmá-lo rigorosamente. Da mesma forma, a força demonstrativa das estatísticas vincula-se à possibilidade de mobilizar instrumentos técnicos como as regressões logísticas ou lineares, que permitem controlar determinados elementos e evidenciar o efeito próprio de uma variável. O estudo qualitativo da população vivendo em residências insalubres faz pensar que as pessoas que moram em casas mais precárias e que dispõem de menos capital são as que mais se revoltam contra as instituições. Ora, realizando uma análise estatística a partir de um modelo de regressão logística, é possível perceber que, em condições de vida “iguais”, as pessoas socialmente mais bem-sucedidas são mais revoltadas que as outras. Estando em situação de exigir direitos do fato de seu estatuto social, estas pessoas consideram que existe uma grande distância entre suas condições de vida e seu “valor social”, e por isso se sentem injustiçadas. A utilização de técnicas estatísticas leva, pois, o pesquisador a considerar as coisas em sua complexidade e a fazer uma análise mais sutil em relação às conclusões que ele poderia ter chegado ao servir-se exclusivamente dos dados de um trabalho de campo etnográfico.

O posicionamento do pesquisador

Para concluir: a aliança dos métodos reveste-se de um interesse primordial em termos de postura científica, favorecendo um posicionamento mais “justo” em relação a um objeto de pesquisa. O método qualitativo tem a vantagem de preservar o pesquisador de um distanciamento excessivo que persegue todo estatístico. Reciprocamente, o trabalho quantitativo ajuda a não deixar-se “fagocitar” pelo campo de pesquisa, a não assumir toda distância crítica e a não “cair” na “patologia”. A “despersonalização” do instrumento quantitativo, por exemplo, é útil quando a colocamos ao lado da subjetividade das entrevistas ou das observações e, sobretudo, dos sentimentos que nascem da prática de um

campo de pesquisa qualitativo. A articulação dos dois métodos apresenta, pois, uma grande vantagem em termos de posicionamento do pesquisador. Por suas idas e vindas múltiplas entre uma “sociologia clínica” ao campo de pesquisa¹⁸¹, ou seja, mais próximas das entrevistas, e uma análise quantitativa de dados, é factível evitar o miserabilismo (devido à excessiva proximidade ao campo de pesquisa e à ligação relativamente forte com os pesquisados), bem como evitar um objetivismo exagerado (não dialogar senão com as estatísticas). A complementaridade dos métodos e sua utilização conjunta numa pesquisa melhoram a qualidade do trabalho científico, permitindo ao pesquisador decifrar melhor seu objeto de pesquisa.

A articulação entre método qualitativo e método quantitativo apresenta inúmeras vantagens e um interesse epistemológico garantido. A criação de uma pesquisa “sob medida” que acresce dados locais e precisos sobre uma população específica associada a um trabalho etnográfico minucioso num espaço delimitado geograficamente, fornece inúmeros elementos para empreender uma pesquisa sociológica. Mesmo com amostras de pesquisa consideradas relativamente fracas em relação às das grandes pesquisas estatísticas, é possível, graças à aliança dos métodos, realizar análises sociológicas pertinentes. As duas abordagens são complementares e aportam um duplo esclarecimento ao objeto de pesquisa, permitindo compreender melhor a complexidade dos fenômenos estudados. O trabalho qualitativo ajuda a compreender o que se esconde por detrás das cifras, ao passo que o método quantitativo aclara os resultados obtidos graças às entrevistas e às observações. A metodologia assim empregada aporta uma mais-valia científica não desprezível, notadamente porque ela estimula o pesquisador a realizar um trabalho reflexivo interrogando-se sobre sua prática de campo e sobre os resultados aportados pelos dois métodos a fim de encontrar um equilíbrio entre posicionamentos que frequentemente são colocados de costas um para o outro.

181. GAULEJAC, V. & TABAODA-LÉONNETTI, I. *La lutte des places*. Paris: Desclée de Brouwer, 1994.